



APRESENTAÇÃO

Tainah Biela Dias*

Muitas vezes, quando nos propomos a pensar a respeito das relações entre religião e gênero na contemporaneidade, as análises se concentram em sociedades ocidentais. Nesse processo, perdemos de vista as formas pelas quais essas relações se estabelecem em outros contextos socioculturais, assim como, nos escapa pensá-las fora de religiões cristãs. Entretanto, paulatinamente, pesquisadoras e pesquisadores brasileiros têm se debruçado sobre outros grupos religiosos e outras perspectivas que envolvem os estudos feministas e de gênero. No presente número da *Revista Mandrágora*, expressões do budismo e do islamismo são contempladas e debatidas nas relações entre gênero, religião e feminismo.

Em *Tantra, Gênero e Sexualidade e a Tradução do Budismo Tibetano para o Ocidente*, Bruno Carlucci apresenta a problemática da tradução do budismo para o Ocidente nas questões concernentes a gênero e sexualidade. Aborda textos sagrados da tradição budista tibetana, com o intuito de demonstrar as percepções de gênero e sexualidade deles decorrentes, enfatizando que, originalmente, as proibições e sanções do budismo tibetano centravam-se na primazia do prazer sobre a mente, e não na proibição do ato sexual em si. Perpassa discussões a respeito das traduções dos textos budistas e de sua inserção em contextos culturais ocidentais, ressaltando o papel das mulheres que os traduzem, mas que também o fazem na tentativa de resistir a uma cultura falocêntrica. A atividade de traduzir, dessa forma, converte-se em ato político em tempos de demandas por direitos sexuais e reprodutivos.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL.



Religião, Feminismo e Islã: perspectivas do feminismo islâmico, de Maria Eduarda Vieira, versa sobre as formas pelas quais mulheres muçulmanas pensam seus direitos no contexto de sociedades ocidentais, a exemplo de países europeus. A autora enfatiza as dificuldades que a legislação islâmica coloca ao aprofundamento dos direitos dessas mulheres, mas também aponta como a luta de mulheres islâmicas é invisibilizada em contextos ocidentais, nos quais o movimento feminista é hegemonicamente secular. Dessa forma, a autora perpassa, primeiramente, debates relacionados a religião e gênero, destacando a existência de feminismos plurais, para então apresentar perspectivas do feminismo islâmico e sua luta por igualdade, fundamentada por uma exegese que aponta para a igualdade por meio de reinterpretções de versículos do Corão que possam fundamentar desigualdades, assim como pela visibilização a versículos que enunciam a igualdade. O feminismo islâmico, nesse contexto, surge como um movimento que questiona construções estereotipadas e também coloca desafios a percepções estanques da laicidade de países ocidentais.

Por fim, em *A Laicidade como um Problema de Gênero no Brasil: debates no Twitter*, Emily Joyce Oliveira Lopes Silva e Luciana Patrícia Zucco discorrem a respeito de como redes sociais são campos férteis para pensar questões de gênero, religião e laicidade no Brasil contemporâneo. Por meio de uma cartografia realizada no Twitter, as autoras percebem discussões polarizadas entre aqueles que se colocam contrários ou favoráveis ao Estado laico ou à interferência do religioso na política. Perceberam, também, a presença destacada das discussões sobre a “ideologia de gênero”, discurso utilizado para fazer oposição às demandas por direitos sexuais e reprodutivos. Apesar da força dos conservadorismos religiosos, a multiplicidade de posicionamentos dentro de grupos religiosos também é sinalizada pelas autoras, quando trazem a participação de grupos como Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) na defesa dos direitos reprodutivos. Tratar do tema da laicidade em perspectiva de gênero mostra-se, desse modo, imprescindível para a garantia de direitos de mulheres e da população LGBTIQ.

Este número da *Revista Mandrágora* também conta com duas resenhas. A primeira é do livro “Gênero, Religião e Cultura Organizacional:



uma perspectiva comparativa entre Brasil e França”, de Naira Pinheiro dos Santos. A resenhista, Fernanda Marina Feitosa Coelho, traz os principais aspectos da obra, ressaltando seu caráter interdisciplinar e o rigor acadêmico que, por meio de extensa pesquisa de campo, permitiu à autora perceber como questões relativas a gênero e religião aparecem no ambiente da cultura organizacional em contextos aparentemente distintos, quando consideramos as características de suas laicidades, colocando em xeque concepções como “público” e “privado” e demonstrando como questões relativas à religião e ao gênero determinam relações de poder nas sociedades contemporâneas.

Perla Cabral Duarte Doneda é autora da resenha do livro “Mulher, Religião e Poder: ensaios feministas”, escrito pela teóloga Ivone Gebara. Nessa resenha, são destacados aspectos fundamentais, como a denúncia das formas pelas quais o cristianismo legitima relações patriarcais e a submissão das mulheres, articulando seu discurso, por vezes, com argumentos biologizantes sobre os corpos – como a supervalorização da maternidade – e reforçando papéis de gênero que determinam corretos e incorretos para homens e mulheres. Como postura de enfrentamento ao cristianismo hegemônico e patriarcal, Ivone Gebara destaca também demonstrando como feministas religiosas têm participado ativamente da luta pela libertação das mulheres e pela garantia de seus direitos, ressaltando a primazia da experiência e do cotidiano na forma de as mulheres se relacionarem com Deus.

Desejamos a todxs uma boa leitura!